



Opinião Econômica

Solange Srouf

Diretora de macroeconomia para o Brasil
no UBS Global Wealth Management



Até onde a Selic pode cair?

Atividade mais fraca ajuda, mas não reancora expectativas sozinha

A economia brasileira perdeu fôlego desde a última reunião do Copom e abriu espaço para o Banco Central seguir com o ciclo de cortes. Mas crescer menos, por si só, não basta para que a Selic possa cair muito mais. A questão central é saber se a desaceleração será suficiente para reconduzir a inflação à meta, reancorar as expectativas e preservar a credibilidade da política monetária. A atual dinâmica da dívida pública, se persistir, atua na direção oposta: mantém pressionadas as expectativas de inflação e pode, em algum momento, alcançar o câmbio.

Nesse caso, parte da desinflação produzida pela demanda mais fraca será neutralizada, estreitando o espaço para reduções mais expressivas dos juros. Esse risco cresceu com a mudança do cenário

externo. É difícil imaginar o dólar persistentemente fraco quando o Fed volta a elevar os juros e sinaliza que eles permanecerão altos por bastante tempo. A alta de 25 pontos-base anunciada hoje, que levou a faixa dos Fed Funds para 3,75% a 4%, ganhou peso por vir acompanhada de uma normalização muito lenta e de uma revisão para cima da estimativa de juro neutro.

A mensagem é clara: a política monetária precisará operar em terreno mais restritivo não apenas agora, mas por um período prolongado. O discurso também ganhou credibilidade porque, desta vez, a retórica dura veio acompanhada de ação. Ao subir os juros e admitir novas altas, o Fed deixou claro que a estabilidade de preços terá precedência sobre o risco de algum enfraquecimento da atividade.

Essa postura se apoia em um diagnóstico mais firme sobre a economia americana. O consumo segue resiliente, o mercado de trabalho permanece robusto e as projeções passaram a combinar crescimento maior com desemprego menor, enquanto a inflação continua acima do desejado. A alta do petróleo torna o quadro ainda mais delicado. Em circunstâncias normais, um choque temporário de energia poderia ser tratado como passageiro; após anos de inflação acima da meta e sucessivas surpresas, porém, aumenta o risco de propagação para outros preços, salários e expectativas.

Para o Brasil, a combinação de um dólar mais forte com um diferencial de juros menor, embora ainda elevado, reduz a sustentação externa do real. Somada à fra-

gilidade fiscal, essa configuração pode neutralizar parte da desinflação decorrente da atividade mais fraca e estabelecer um piso para a queda da Selic.

Apesar desse cenário global mais desafiador, o Copom reduziu a Selic em 25 pontos-base, para 13,75%, com uma comunicação muito semelhante à da reunião anterior. Ao não sinalizar uma pausa nem alterar de forma relevante sua avaliação do cenário, o comitê parece confortável em dar continuidade ao ciclo, provavelmente já na próxima reunião, desde que não haja deterioração adicional. Essa disposição chama atenção diante de juros globais e preços do petróleo mais altos, da baixa visibilidade sobre a trajetória fiscal doméstica e da resistência das expectativas de médio e longo prazos,

que ainda não mostram melhora consistente, apesar das revisões para baixo da inflação de 2026.

O espaço para novos cortes dependerá, em última instância, de uma trajetória fiscal capaz de estabilizar a dívida. Sem essa perspectiva, o prêmio de risco e o juro neutro permanecerão elevados, enquanto o câmbio ficará mais vulnerável em um ambiente de juros americanos altos e de menor espaço para o enfraquecimento adicional do dólar. A desaceleração da economia pode permitir que o Copom continue reduzindo a Selic no curto prazo, mas não garante, por si só, um ciclo amplo. No fim, o limite para a queda dos juros será dado menos pela perda de fôlego da atividade do que pela credibilidade do regime macroeconômico.



Tá com crédito

Soluções de crédito com ótimas taxas.*

Vai investir na sua empresa? Conte com crédito Banrisul.

*Sujeito a análise de crédito.

Saiba mais:




Santa Maria precisa avançar na indústria, diz Ottomar Vontobel

/ DESENVOLVIMENTO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Apesar da mão de obra qualificada e da grande presença de instituições de ensino superior, Santa Maria ainda tem espaço para avançar na industrialização. A avaliação é do empresário Ottomar Vontobel, que por décadas esteve à frente da CVI Refrigerantes, uma das principais empresas da Região Central do Rio Grande do Sul.

“A mão de obra da região é muito qualificada, mas a área industrial ainda deixa muito a desejar”, afirmou Vontobel em entrevista ao Jornal do Comércio na terça-feira, antes de participar de mais uma edição do projeto Lideranças e Perspectivas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs).

O empresário, que presidiu o Conselho de Administração da CVI - antiga engarrafadora autorizada dos produtos Coca-Cola

- até a venda da companhia, destaca que a trajetória econômica de Santa Maria é marcada principalmente pela força dos serviços e do comércio, além da presença de universidades.

“O comércio é o forte da cidade, sem dúvidas. Mas, entre as atividades que ganharam espaço nos últimos anos, destaco a construção civil. Houve um desenvolvimento muito grande”, disse.

Ao recordar a trajetória da CVI, o empresário cita o peso que a companhia chegou a alcançar na geração de empregos na região. “Nós tínhamos uma empresa fabricante de Coca-Cola com quase mil empregados e ela continua nas mãos da Femsa, que comprou o nosso negócio.”

Para Vontobel, a atração e o desenvolvimento de novos empreendimentos na Região Central dependem tanto das oportunidades oferecidas pelo mercado quanto da capacidade dos empresários de identificar demandas e conduzir os negócios. “Qualquer estabelecimento que venha a se estabele-



TÂNIA MEINERZ/JC

Empresário reforça a qualificação da mão de obra na região

cer na região tem que ter sintonia com o empreendedor, tem que entender o negócio e lutar para fazer o negócio progredir”, defendeu.

Ao ampliar a análise para o ambiente empresarial gaúcho e brasileiro, Vontobel aponta a segurança jurídica como uma das principais preocupações para quem empreende. “É o problema maior da comunidade brasileira. Isso

é muito ruim para a economia e para a vida da nossa população”, avalia. Aos mais de 80 anos, Vontobel participou do ciclo Lideranças e Perspectivas ao lado do filho, Otto Vontobel, sócio-diretor da Vokin Investimentos. No encontro, promovido na Escola de Negócios da Pucrs, compartilhou experiências acumuladas ao longo da trajetória empresarial.

Greve da Caixa atrasa programa Move Brasi

/ CRÉDITO

A greve dos empregados da Caixa Econômica Federal, iniciada no dia 10, pode atrasar a contratação de crédito do Move Brasil e outras operações que dependem da análise e do atendimento do banco. A Caixa afirma que as contratações do Move Brasil seguem normalmente e que podem ser feitas de forma digital, pelo WhatsApp do banco, ou presencialmente nas agências. A instituição diz ainda que, como agente financeiro do programa, segue as regras definidas pelo governo.

O banco público apresentou, na madrugada de quinta-feira, uma nova proposta para o plano de saúde dos bancários. A paralisação continua, no entanto, até segunda, quando deverá haver assembleia de funcionários. O programa financiou até agora 48 mil automóveis e 19 mil motocicletas.